

# OLIMPISMO Y “SOFT POWER”. DE ATENAS (1986) A PEQUÍN (2008)

OLIMPISM AND SOFT POWER. FROM ATENAS (1986) TO BEIJING (2008)

**Alcides Viera Costa \*, Elsa Pereira \*\*, Margarida Mascarenhas \*, José Pinto Correia \* y  
Gustavo Pires \***

*\* Universidade Técnica de Lisboa(Portugal); \*\* Universidade do Algarve*

**Resumen:** El discurso común sobre Pierre de Coubertin lo identifica, como alguien para quien el deporte era un instrumento de la pedagogía. En este artículo argumentamos, que para Coubertin la pedagogía del deporte sería principalmente un instrumento político que, hoy en día se expresa en la figura de estilo de la diplomacia moderna como “Soft Power” (Poder blando). Hasta los Juegos de Berlín (1936) con Baillet-Lattour continuó siéndolo y sin embargo, después de la II Guerra Mundial, con Sigfrid Edström y la cuestión de las “dos Chinas”, así como más tarde, con Avery Brundage y su obsesión contra el apolitismo, el mercantilismo y el profesionalismo, el COI se convirtió en un campo de batalla de la Guerra Fría y del “hard power”. Con Saramanch y la apertura del COI a las grandes empresas y al profesionalismo, se ha dado un paso importante para pacificar el IOC. Jacques Rogge desde 2001, le dio un nuevo impulso al IOC, obligando a la República Popular China a cumplir sus compromisos, argumentando que el deporte puede ser un catalizador para el cambio. Rogge, al igual que Coubertin, posicionó el deporte en el ámbito del “soft power” consiguiendo así para el COI la calidad de observador en las Naciones Unidas.

**Palabras clave:** Olimpismo, “poder blando”, política, diplomacia, desarrollo.

**Abstract:** The common discourse about Pierre de Coubertin identifies him as someone for whom sport was an instrument of pedagogy. However, in this article, we argue that for Coubertin the pedagogy of sport was a political instrument that today finds expression in the modern diplomacy styled figure called "Soft Power". And until the Berlin Olympics (1936), under Baillet-Lattour Presidency, this same figurative doctrine was maintained. However, after the Second World War, firstly with the leadership of Sigfrid Edström and confronting the relevant problem of "the two Chinas" and later on, under the mandates of Avery Brundage and his obsession with the no politicization, commercialism and professionalism of the Olympic Movement the IOC has become a battleground for the Cold War and the new styled figure of diplomacy called "hard power". Under the Samaranch Presidency that gave impetus to the opening of the IOC to large companies and to sports professionalism came an important new phase to pacify the IOC. More recently under Jacques Rogge leadership (since 2001) a new impetus to the IOC took place, forcing the PRC to fulfill its commitments for Beijing 2008 and a new deep arguing in order to consider sport as a fine catalytic device for change. Rogge, as Coubertin, put sport again in the way of "soft power" and the IOC could find a complete new observer status in the United Nations.

**Key words:** Olympism, "soft power" politics, diplomacy, development.

**Resumo:** O discurso comum acerca de Pierre de Coubertin identifica-o como alguém para quem o desporto era um instrumento de pedagogia. No presente artigo, defendemos que para Coubertin a pedagogia do desporto era tão só um instrumento político que, hoje, encontra expressão nessa figura de estilo da diplomacia moderna o “Soft Power”. Até aos Jogos de Berlim (1936) com Baillet-Lattour assim continuou. Contudo, depois da II Grande Guerra, com Sigfrid Edström e a questão das “duas Chinás” e, depois, com Avery Brundage e a sua obsessão contra o apolitismo, o comercialismo e o profissionalismo, o COI tornou-se um campo de batalha da guerra-fria e do “hard power”. Com Samaranch e a abertura do COI às grandes empresas e ao profissionalismo deu-se um passo significativo para pacificar o IOC. Jacques Rogge, a partir de 2001 deu um novo alento ao IOC, obrigando a RPC a cumprir os compromissos assumidos, defendendo que o desporto pode ser um catalisador de mudança. Rogge, tal como Coubertin, colocou o desporto no domínio do “soft power” conseguindo com isso para o COI um estatuto de observador nas Nações Unidas.

**Palavras chave:** Olimpismo, poder suave (“Soft Power”), política, diplomacia, desenvolvimento

## INTRODUÇÃO

Os gregos antigos, sabiam que os Homens, na sua tacanhez de espírito, tinham necessidade de violência para se sentirem glorificados. E para suprirem esta necessidade sem os custos trágicos da guerra, inventaram os Jogos a fim de tornarem a paz gloriosa, através do prazer lúdico da violência controlada. Surgia assim a “Trégua Olímpica” (TO) característica da mundividência helénica, que pelo “poder doce” do jogo enquanto “fio condutor da explicação ontológica”,<sup>1</sup> hoje, encontra expressão nessa figura de estilo da diplomacia moderna que dá pelo nome de “Soft Power” (SP)<sup>2</sup>.

Muito embora o desporto, ao longo do século XX, através do “agôn”<sup>3</sup> que lhe é próprio, tenha sido um tempo e um espaço de confronto indirecto entre os grandes blocos que se digladiavam no quadro político e ideológico da guerra-fria, o que é facto é que, desde as suas origens, o desporto foi também, um tempo e um espaço de concórdia, quer dizer, um catalisador para a resolução de inúmeros conflitos que, de outra maneira, poderiam ter originado uma escalada de violência, de terror e de morte, com resultados extraordinariamente gravosos para as nações e os povos em confronto.

Foi esta a perspectiva de Pierre de Coubertin (1863-1937) quando, em 1894, institucionalizou o Movimento Olímpico (MO) moderno ao fundar em Paris o Comité Olímpico Internacional (COI) que, através do desporto, da educação e da cultura, tinha como grande objectivo a promoção da paz e do progresso entre as nações e os países através da institucionalização de uma competição desportiva nobre e leal entre os homens organizada a uma escala mundial. Contudo, o que aconteceu, fundamentalmente a partir dos anos trinta com a atribuição da organização dos Jogos da XI Olimpíada à cidade de Berlim (1936), foi a construção de um folclore à volta de um certo “apolitismo desportivo” protagonizado por Avery Brundage (1887-1975), primeiro enquanto presidente do Comité Olímpico dos EUA, depois como vice-presidente do COI e, finalmente, a partir de 1952 como presidente da própria instituição. Hoje é possível afirmar, que Brundage,

<sup>1</sup> Gadamer, Hans-George (2005). Verdade e Método. Petropólis: Editora Vozes, vol. I, p. 154.

<sup>2</sup> Nye, Joseph S. (2004). Soft Power - The Means to Success in World Politics. USA: Perseus Books Group.

<sup>3</sup> “Agôn” em grego antigo significava competição.

enquanto dirigente desportivo, distorceu completamente o pensamento de Coubertin ao afirmar que o desporto nada tinha a ver com a política.

Em conformidade, o MO viu-se encurralado entre duas perspectivas opostas. De um lado, aqueles que, tal como Meynaud (1966), defendiam a inter-relação entre desporto e política quando afirmavam existir “toda uma literatura que exalta a contribuição do Olimpismo à causa da civilização e da paz – recordemos a este respeito que em Fevereiro de 1953 um grupo de parlamentares finlandeses e suecos propuseram a candidatura do COI ao prémio Nobel da Paz”,<sup>4</sup> ou como McIntosh (1975) que afirmava que “não há dúvida de que o Barão de Coubertin não considerou o desporto como nada tendo a ver com a política quando fundou os modernos Jogos Olímpicos. Ele esperava que as actividades desportivas pudessem melhorar as relações políticas entre as nações.”<sup>5</sup> Do outro lado, debaixo da liderança de Brundage, organizavam-se todos aqueles que defendiam que o desporto nada tinha a ver com a política pelo que devia ser considerado uma actividade humana asséptica livre de qualquer contaminação por parte da política e dos pecados do mundo.

A tese que se defende no presente ensaio é que o desporto em geral e o MO em particular têm tudo a ver com a política, contudo, as suas missões têm de ser prosseguidas não na base do confronto “hard”, duro e directo do poder, mas através de uma abordagem “soft”, macia, doce e indirecta para além da política tradicional.

Defendemos que este poder “soft” foi, de facto, nos tempos modernos, pela primeira vez, utilizado à escala do Planeta por Pierre de Coubertin quando, em 25 de Novembro 1892, assim como “quem não quer a coisa”, no âmbito das comemorações do cinquentenário da “Union des Sports Athlétiques” apresentou no grande auditório da Sorbonne em Paris uma conferência intitulada “Les Exercices Physiques dans le Monde Moderne”. A este respeito, Coubertin relatou nas suas “Memoires Olympiques”:

“...decidi terminar a minha apresentação de uma forma sensacionalista através do anúncio da restauração dos Jogos Olímpicos. E assim foi. Naturalmente que eu tinha planeado tudo excepto o que aconteceu. Oposição? Protestos, ironia? Ou mesmo indiferença?... Nada disso. Aplaudiram, eles aprovaram, desejaram-me um grande sucesso, mas ninguém me tinha entendido. Era a incompreensão total, absoluta que começava. Durou muito tempo.”<sup>6</sup>

Em nossa opinião, a incompreensão a que Coubertin aludiu durou até 2001. Começou a ser desfeita com as novas posições de Jacques Rogge no início da XXIX Olimpíada. De facto, a maneira como o presidente do COI abordou os problemas políticos que decorreram da posição da República Popular da China (RPC) relativamente às liberdades internas, à questão do Tibete e à guerra do Darfur, levam-nos a acreditar que Rogge institucionalizou, de novo, uma prática política baseada numa estratégia de “soft power” que vinha do tempo de Coubertin.

## **TRÉGUA OLÍMPICA & “SOFT POWER”**

Na nossa opinião o “soft power” tem a sua origem na Grécia antiga quando os gregos paravam as guerras a fim de construírem a paz e o futuro a partir dos Jogos que organizavam para esse efeito. Era a Trégua Olímpica que levava os gregos numa atitude de “soft power” através da

---

<sup>4</sup> Meynaud, Jean (1966). Sport et Politique. Paris: Payot, p. 245.

<sup>5</sup> McIntosh, P.C. (1975). O Desporto na Sociedade. Lisboa: Prelo, p. 229.

<sup>6</sup> Coubertin, Pierre (1996). Mémoires Olympiques, Paris: Editions Revue “EPS”, p.9.

feita, dos Jogos e da consulta aos grandes oráculos a perspectivarem o futuro de uma forma pacífica e positiva.

Esta mundividência helénica está traduzida no poema didáctico “Os Trabalhos e os Dias” de Hesíodo<sup>7</sup>. Para o filósofo, no Mundo, existem duas Éris, quer dizer, duas deusas da discórdia e do conflito. A primogénita era cruel, “deu à luz a negra noite”, pelo que a ela se ficam a dever a inveja, o rancor e a cobiça que desencadeavam nos homens as “lutas malignas de extermínio uns contra os outros”, quer dizer, a “má guerra” pelo que “nenhum mortal a devia tolerar”. A outra Éris, foi dada por Zeus aos homens a fim de os advertir do carácter efémero do seu destino, conduzindo-os ao trabalho e à superação, pelo que até aquele que nada possuía se apressava a plantar a fim de, tal como aquele que era rico, poder ter uma vida melhor. O vizinho rivalizava com o vizinho que procurava alcançar a prosperidade porque ele também a queria para si. Então, os gregos, através de uma luta nobre e leal procuravam o êxito e o sucesso. A este respeito Nietzsche n’ “A Competição em Homero”<sup>8</sup> dizia que quanto mais nobre era um grego, tanto mais viva seria a chama da ambição que dele irrompia no sentido da afirmação positiva da vida. Nesta perspectiva, a predisposição para a competição projectava-se nos Jogos, na política, nas artes, no trabalho, onde cada grego procurava vencer os adversários à altura de si, de maneira a dar um eterno prosseguimento a uma competição nobre e leal com vista ao desenvolvimento e ao progresso da sua cidade.

Coubertin, ao avançar para a institucionalização dos JO da era moderna, teve precisamente este sentimento de futuro. Dizia ele na reunião de 1894 quando foram institucionalizados os JO da era moderna:

“Que não restem dúvidas sobre os benefícios que a restauração dos Jogos Olímpicos tanto do ponto de vista do atletismo como moralmente e Internacionalmente, estes jogos são restaurados na base e nas condições compatíveis com as necessidades da vida moderna.”<sup>9</sup>

## A VISÃO DE PIERRE DE COUBERTIN

A organização de um desporto promotor de uma competição nobre e leal em benefício da paz e do progresso numa Europa destruída porque acabara de sair das guerras napoleónicas foi a ideia que motivou o projecto desencadeado por Coubertin em finais do século XIX. A visão de Coubertin ia muito para além da pedagogia que ele foi buscar às escolas públicas inglesas em especial à de Rugby e ao seu mentor Thomas Arnold (1795-1842). Na realidade, Coubertin tinha do desporto uma visão eminentemente política sustentada no pensamento de outros dois dos seus principais mentores, o sociólogo Frédéric Le Play (1806-1882) e o filósofo Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), pelo que, para ele, a pedagogia era um simples instrumento da política. Como refere Loland (1995),<sup>10</sup> Coubertin tinha pouca simpatia pela nobreza francesa do fim de século XIX bem como pela alta burguesia que, do ponto de vista político, considerava irresponsáveis e, do ponto de vista moral, corruptas. Assim sendo, o MO não podia, tal como uma outra qualquer instituição, deixar de ter uma perspectiva política relativa à organização social e ao futuro da sociedade sob pena de entrar em desagregação. Assim sendo, o maior êxito de Coubertin foi, numa perspectiva “doce”, sentar à mesma mesa e pôr a competir nos mesmos espaços de jogo, nações que tinham protagonizado as mais selváticas lutas fratricidas durante os últimos cem anos.

<sup>7</sup> Hesíodo (2005). Teogonia Trabalhos e Dias. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

<sup>8</sup> Nietzsche, Friedrich (2003). A Competição em Homero. In: “A Competição em Nietzsche”, Introdução, tradução e notas de Rafael Gomes Filipe. Lisboa: Veja, colecção Passagens.

<sup>9</sup> Bulletin du Comité International des Jeux Olympique, Paris: Rue Saint-Honoré 229. Année.1 - N. 1. Juillet 1894. Documento consultado no Centro de Estudos Olímpicos – Lausanne.

<sup>10</sup> Loland, Sigmund (1995). Coubertin’s Ideology of Olympism from the Perspective of the History of Ideas. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, Volume IV, pp.49-78.

Esta perspectiva de gerir a política através de uma “estratégia doce” em alternativa a uma “estratégia de confronto directo” sempre foi a perspectiva de Coubertin. Nestes termos, podemos dizer que, no mundo moderno foi ele uma das primeiras entidades a utilizar o “soft power” como instrumento de poder no sentido de conseguir uma maior aproximação entre os homens num quadro positivo de relações inter-países.

### **Coubertin e a Dimensão Política do Desporto**

Coubertin jamais poderia ignorar a dimensão política do desporto, por duas razões: A primeira, porque ele era um homem do século XIX que comungava dos valores e das contradições políticas e sociais da sua época. A segunda, porque um homem com a sua dimensão intelectual e cultural, jamais se envolveria num projecto desprovido de valores sociais e políticos, sob pena de se estar a contradizer. Coubertin, ainda muito novo, teve a oportunidade de assistir à Comuna de Paris em 1871 que foi o momento mais conturbado que se viveu na França em consequência da queda de Napoleão III. Além disso, em finais do século XIX, de uma maneira geral, todos os movimentos de educação física e desporto tinham subjacentes preocupações políticas, patrióticas e militares, para além das higiénicas e educativas. Por isso, quando Pierre de Coubertin, em 1894 fundou o COI e institucionalizou os Jogos Olímpicos da era moderna, não se tratou, como afirma MacAloon (1981)<sup>11</sup>, de uma tentativa frustrada de análise psicanalítica de um processo de rebelião contra o próprio pai, mas tão só de uma opção de vida maduramente experimentada. Na realidade, as opções de Coubertin não foram meros caprichos de juventude, antes pelo contrário, foram preocupações que se mantiveram com a coerência possível até ao final da sua vida, muito embora tenha sido desenvolvido por terceiros um discurso crítico “politicamente correcto” que, na linha de Jean-Marie Brohm e outros associavam Coubertin a uma ideia em que o desporto é apenas considerado “a perversão sistemática do instinto agonal lúdico pela competição.”<sup>12</sup>

### **Sociobiologia**

Coubertin era um pedagogo, sobre isto não existem quaisquer dúvidas na medida em que a sua obra pedagógica o atesta, contudo, para ele, a pedagogia era um instrumento da política e, como tal, num trabalho de 1910, em termos filosóficos e políticos defendia aquilo que Edward Wilson no livro “Sociobiologia: A Nova Síntese” viria a explicar mais de sessenta anos depois quando desenvolveu o “princípio do comportamento altruísta” em que o “altruísmo foi concebido como o mecanismo pelo qual o DNA se multiplica a si próprio através de uma rede parental...”<sup>13</sup>. Para Coubertin, tratava-se de:

“empregar todos os meios próprios ao desenvolvimento das qualidades físicas a fim de as fazer servir o bem colectivo. Manter essas qualidades abstendo-se de qualquer coisa que a possa desnecessariamente degradar... é a boa fórmula.” (...) “O desporto não é senão um adjuvante indirecto da moral. Para que ele se torne um adjuvante directo, é necessário que se lhe atribua um objectivo reflectido de solidariedade que o eleve acima dele mesmo.”<sup>14</sup>

Na realidade, Coubertin entendia o desporto para além do próprio desporto, e foi nesta perspectiva que, como explica nas suas “Memórias Olímpicas”, em 1894, propôs ao Congresso o

---

<sup>11</sup> MacAloon, John J. (1981). *This Great Symbol: Pierre de Coubertin and the Origins of the Modern Olympic Games*. Chicago: University of Chicago Press.

<sup>12</sup> Brohm, Jean-Marie (1972). *Sociologie Politique du Sport*. In: “Sport Culture et Répression” Paris: Maspero, p. 20.

<sup>13</sup> Wilson, O. Edward (1975). *Sociobiology: The New Synthesis*, USA: Harvard University Press, p.120.

<sup>14</sup> Coubertin, Pierre de (1913). *Essais de Psychologie Sportive*, Lausanne et Paris, Librairie Payot & C, p.137.

restabelecimento dos Jogos Olímpicos conforme as necessidades da vida moderna e, depois, já em 1895, se lançou naquilo que ele próprio designou como “A Conquista da Grécia”.<sup>15</sup>

### **A Conquista da Grécia**

Ao tempo, o que estava em causa era a organização dos Jogos de Atenas em 1896, contudo, até ao último combate da sua vida, que foi a defesa da realização dos Jogos de Berlim em 1936, a paz foi uma questão omnipresente nos seus discursos e escritos porque, para ele, o desporto era um instrumento de concórdia e de paz social, pelo que as classes sociais menos favorecidas também deviam ter acesso aos benefícios da prática desportiva.

Quando em finais de 1894, completamente sozinho, Coubertin se dirigiu a Marselha a fim de embarcar com destino ao porto do Pireu na Grécia estava a jogar a cartada da sua vida na medida em que, muito embora a organização dos JO em Atenas tivesse uma boa aceitação popular, tinha também da parte do Governo na pessoa do seu Primeiro-ministro Charilaos Tricoupis (1832-1896) a mais completa oposição. A Grécia vivia enormes dificuldades financeiras para além de uma grande turbulência política. Coubertin, sem qualquer poder formal, jogou como ninguém com a correlação de forças que do ponto de vista político e partidário interagiam na Grécia. Ele era um jogador do “poder macio”, pelo que conseguiu ultrapassar a própria vontade do Primeiro-ministro grego. Mas não só, porque Coubertin, indirectamente, provocou a própria demissão de Tricoupis. Acerca da sua estadia em Atenas, conta nas suas memórias:

“Passei o tempo a fazer visitas aos políticos e aos jornalistas conduzido pelos meus novos amigos George Melas filho do Presidente da Câmara de Atenas e Alexandre Mercati filho do director do Banco e camarada de infância do príncipe real.”<sup>16</sup>

E, em 13 de Janeiro de 1895, o Príncipe Herdeiro convocou uma reunião para uma das Salas do Zappion<sup>17</sup> onde anunciou a “abertura dos trabalhos do Comité Organizador dos Primeiros Jogos Olímpicos Internacionais”.<sup>18</sup> Em face dos acontecimentos, podemos dizer que o arranque dos JO da era moderna foi uma vitória de uma estratégia de “soft power” protagonizada por Coubertin num mundo habituado a resolver os seus problemas através da violência das armas.

Na sua estratégia de “soft power” como ele próprio explica nas suas “Memórias Olímpicas”, não tinha qualquer problema em fazer-se passar por imbecil a fim de desarmar os opositores e conseguir os seus objectivos. No final dos JO de Atenas, Coubertin encontrava-se sozinho a defender a circulação dos JO por todas as grandes cidades do Mundo, enquanto a totalidade dos gregos com o Rei à cabeça defendia a helenização dos JO, quer dizer, deviam passar a realizar-se sempre em Atenas. Ora, no banquete final, perante o discurso do Rei que, na presença de todos os dirigentes políticos e atletas, defendia helenização dos JO, Coubertin, numa brilhante estratégia de “soft power”, como ele próprio explica, optou por fazer-se passar por imbecil:

“Primeiro tivemos de enfrentar o rei cujo discurso no banquete final, ao qual assistiram todos os atletas, me colocaram perante um dilema famoso: submeter-me ou renunciar. Eu já tinha decidido não fazer nem uma coisa nem outra. Por outro lado, a resistência em circunstâncias semelhantes, não era fácil. Decidi fazer de imbecil, o homem que não entende. Fingi ignorar o discurso real, sob o pretexto de

<sup>15</sup> Coubertin, Pierre (1996). *Mémoires Olympiques*, Paris, Editions Revue “EPS”, p.21.

<sup>16</sup> Coubertin, Pierre (1996). *Mémoires Olympiques*, Paris, Editions Revue “EPS”, p.26.

<sup>17</sup> Edifício mandado erigir por Evangelis Zappas (1800-1865) a fim de albergar os Jogos Olímpicos. Foi inaugurado em 20 Outubro e 1888. Evangelis Zappas foi um homem de negócios e filantropo grego que, hoje, é reconhecido como um dos fundadores dos Jogos Olímpicos da era moderna na medida em que patrocinou a organização de uns Jogos Olímpicos em Atenas nos anos de 1859, 1870 e 1875.

<sup>18</sup> Coubertin, Pierre & Annilos Charalambos (1896). *Les Jeux Olympiques de 1896*. Ch. Beck Editeur, p.62.

ter sido proferido metade em grego e metade em francês pelo que a proposta de sediar permanentemente a organização dos JO em Atenas não tinha sido proferida em termos idênticos. Ignorei também o apoio conseguido da parte dos atletas americanos que apoiavam a iniciativa do soberano. De tudo isto a imprensa fazia grande barulho, mas eu era o surdo que não ouvia nada pelo que não podia entender nada.”<sup>19</sup>

Como hoje bem compreendemos, a estratégia de internacionalização dos JO idealizada por Coubertin garantiu que aquela tentativa desencadeada em 1894 de fazer ressurgir os JO tenha sido tal como as anteriores, mais uma que acabou por se perder no tempo.

Desde os primórdios da organização dos JO modernos até ao seu combate final que foi a organização dos Jogos Olímpicos de Berlim, Coubertin sempre teve uma perspectiva “soft” de utilização do desporto enquanto instrumento de paz ao serviço do desenvolvimentos humano.

### **Berlim (1936)**

Já na fase final da vida de Coubertin, os Jogos Olímpicos de Berlim (1936) desencadearam uma catadupa de protestos conducentes ao seu boicote. Claro que Coubertin, numa perspectiva de “soft power” porque os Jogos podiam ser promotores da paz de que a Europa necessitava, só podia estar do lado daqueles que defendiam a realização dos Jogos para além dos interesses de grupo que se digladiavam nos dois lados da barricada. Em conformidade, Coubertin apoiou a posição de Henri Baillet-Lattur (1876-1942) ao tempo presidente do COI que defendeu intransigentemente a defesa dos JO para além das posições políticas em confronto.

Perante os detractores da posição de Coubertin, Laguillaumie (1972)<sup>20</sup>, Brohm (1981)<sup>21</sup>, Simonović (2004),<sup>22</sup> há uma pergunta a fazer que, infelizmente, a história nunca há-de responder: O que é que teria acontecido caso o COI tivesse boicotado os Jogos de Berlim?

De facto, não se tratava de, numa estratégia de confronto directo, condenar o ódio racial nazi, como não se tratava de condenar o ódio racial que, ao tempo, imperava nos EUA. E tanto assim era que se em 1933, foi institucionalizada na Alemanha uma medida política que determinava que todas as organizações atléticas alemãs só pudessem admitir membros de raça ariana, nos EUA, até 1965, sempre existiram leis que negavam aos cidadãos não-brancos toda uma série de direitos que punham em causa a dignidade humana.

Por isso, a estratégia estava em adoptar uma posição crítica relativamente a ambas as situações e tentar introduzir elementos catalisadores a fim de as transformar num sentido positivo. E tanto assim foi que as autoridades alemãs corrigiram algumas medidas contra os judeus bem como as autoridades norte-americanas, muito provavelmente, contra a opinião de Brundage, fizeram-se representar por cidadãos negros que viviam nos EUA uma situação em termos raciais absolutamente fascista. Depois, o MO, muito provavelmente, devido aos feitos de Jesse Owens (1913-1980) e outros, acabou por acelerar as grandes transformações que viriam acontecer nos EUA, que tiveram um ponto alto com a cena do “Black Power” em 1968 na cidade do México. Claro que nem a participação de atletas negros na equipa dos EUA disfarçava o racismo que, à imagem do que acontecia no país, também havia dentro da própria equipa, nem a participação de alguns atletas judeus nos JO permite dizer que os nazis não fizeram nenhuma discriminação.

---

<sup>19</sup> Coubertin, Pierre (1996). *Mémoires Olympiques*, Paris, Editions Revue “EPS”, p.38-39.

<sup>20</sup> Laguillaumie, Pierre (1972). *Pour une Critique Fondamentale du Sport*, in: “Sport Culture et Répression”, Paris, Maspero.

<sup>21</sup> Brohm, Jean-Marie (1981). *Le Mythe Olympique*. Paris: Christian Bourgois Editeur.

<sup>22</sup> Simonović, Ljubodrag (2004). *Olympic Movement and the New World Order*.

[http://cirqueminime.blogcollective.com/blog/\\_archives/2006/5/20/1971876.html](http://cirqueminime.blogcollective.com/blog/_archives/2006/5/20/1971876.html)

O problema de 1936 foi o estar-se perante um ditador insano que três anos depois desencadeou a guerra na Europa que levou à morte de milhões de seres humanos e à destruição e divisão da própria Alemanha.

Não se pode pedir, como o faz W. J. Murray, professor de história da Universidade de Bundoora – Melbourne, que Coubertin conseguisse compreender para além da própria compreensão humana.<sup>23</sup> Porque, o que os nazis fizeram ultrapassa tudo aquilo que a condição humana era ou é capaz de compreender. Claro que eles se serviram de Coubertin numa fase da sua vida em que já estava extraordinariamente debilitado do ponto de vista físico, moral e financeiro. Na realidade, os nazis como refere Murray cortejaram intensamente Coubertin através de Lewald, o presidente do Comité Olímpico Alemão assediando-o com a promessa de um reconhecimento que o seu próprio país a França nunca lhe foi capaz de dar. Criticam Coubertin, contudo as críticas devem ser vistas como o fazem Marie-Thérèse Eyquem<sup>24</sup> e Y. P. Boulongne<sup>25</sup>, como as críticas dos vencedores que não tiveram de passar pelos sofrimentos da situação.

A própria França com 215 atletas foi a quinta maior delegação, logo a seguir à da Alemanha, EUA, Reino Unido e Hungria a participar nos JO de Berlim. Depois, a cobertura dos JO na imprensa francesa foi de tal maneira intensa que chegou a ser superior ao que se passava no “Tour de France”. Na verdade, só no fim dos JO os nazis foram sujeitos pelos jornalistas desportivos Jacques Goddet e Gaston Benac a um ataque<sup>26</sup> embora, em nossa opinião, sem consistência política por ausência de fundamentação credível.

Em conformidade, parece-nos inapropriado fazer juízos de valor acerca do comportamento de Coubertin relativamente ao Nazismo, desde logo porque nem aqueles que as deviam fazer foram capazes de antecipar aquilo que estava para acontecer. Em segundo lugar, porque estas questões, de uma maneira geral, têm sido tratadas numa perspectiva historicista do materialismo dialéctico e do moralismo do socialismo científico e não numa perspectiva sociobiológica de Wilson<sup>27</sup> e na lógica da teoria da justiça e da equidade do liberalismo político de Rawls.<sup>28</sup>

## **O Discurso de Coubertin**

Pelo que se conhece dos discursos de Coubertin, todos os comentários, observações e elogios realizados relativamente à organização do JO de 1936, bem como as referências ao próprio líder alemão não passaram de normais palavras de circunstância que numa perspectiva de “soft power” procuravam valorizar o trabalho de um País e dos seus líderes relativamente ao extraordinário esforço que era a organização dos JO. Na realidade, Coubertin tem sido muito criticado por alguns dos seus discursos que hoje devem ser contextualizados ao momento histórico que se vivia.

Claro que, hoje, sabemos que, três anos após os Jogos de Berlim, Hitler desencadeou uma guerra cujos efeitos devastadores são conhecidos. Contudo, ao tempo, tratava-se de resolver pelo diálogo com um ditador de sanidade duvidosa uma questão que, acontecesse o que acontecesse, jamais poderia evitar a guerra. Os dados estavam lançados. Diremos mesmo que se por acaso o boicote aos Jogos de Berlim tivesse ocorrido, eventualmente, até podia ter acelerado o desencadear da guerra. Nestas circunstâncias, Coubertin não deixaria certamente de ser acusado de pecados ainda maiores. Na realidade, toda a estratégia do COI e de Coubertin foi a de agirem através do

<sup>23</sup> Murray, W.J. (1992). France Coubertin and the Nazi Olympics: The Response. International Journal of Olympic Studies. Volume I.

<sup>24</sup> Eyquem, Marie-Thérèse (1966). Pierre de Coubertin: l'Épopée Olympique, Paris: Calmann-Lévy.

<sup>25</sup> Boulongne, Y. P. (1979). La Vie et l'Oeuvre Pédagogique de Pierre de Coubertin. Ottawa: Lémeac.

<sup>26</sup> Murray, W.J. (1992). France Coubertin and the Nazi Olympics: The Response. International Journal of Olympic Studies. Volume I, p. 47.

<sup>27</sup> Wilson, O. Edward (1975). Sociobiology: The New Synthesis, USA: Harvard University Press.

<sup>28</sup> Rawls, John (2001). Uma Teoria da Justiça, Lisboa: Presença.



poder macio do “soft power” de modo a convencerem os alemães a respeitarem a população judaica, na convicção de que os JO podiam ser um pretexto para se construir a paz na Europa tal como acontecia ao tempo da Grécia antiga através da Trégua Olímpica. Infelizmente, o MO estava perante um País alienado pelo que tudo o que pudesse ser feito era completamente inútil, na medida em que a guerra era uma questão de meses.

A 4 de Agosto de 1935, foi radiodifundida em Berlim uma mensagem de Coubertin dirigida ao povo alemão sob o título “As Bases Filosóficas do Olimpismo Moderno”. Coubertin disse:

“A primeira característica essencial do Olimpismo moderno é a de ser uma ‘religião’. Cinzelando o seu corpo pelo exercício, como o faz o escultor da estátua, o atleta antigo honrava os deuses. Fazendo o mesmo, o atleta moderno exalta a sua pátria, a sua raça, a sua bandeira. Julgo, pois, que tive inteira razão quando embebi o Olimpismo renovado de um sentimento religioso, transformado e aumentado pelo Internacionalismo e a Democracia que distinguem os tempos modernos, mas o mesmo, sem dúvida, que conduzia os jovens helenos, ambiciosos do triunfo dos seus músculos, aos pés dos altares de Zeus. (...) Não só o internacionalismo como a democracia, bases da nova sociedade humana em vias de edificação nas nações civilizadas, como também a ciência está interessado nele (desporto)”<sup>29</sup>

E Coubertin continuou:

“a ideia de trégua é também um elemento essencial do Olimpismo (...).<sup>30</sup> Por isso, a trégua olímpica deve ter por si um homem suficientemente forte, cuja vontade se encontre suficientemente poderosa para se impor a si mesmo e à colectividade uma suspensão no prosseguimento dos interesses ou das paixões de domínio e de posse, por mais legítimas que sejam”.<sup>31</sup>

E neste dramático discurso Coubertin acabou por anunciar a sua própria morte dizendo:

“no declinar da minha vida, aproveitei a proximidade dos Jogos da XI Olimpíada para expressar os meus melhores desejos e os meus agradecimentos e ao mesmo tempo testemunhar a minha fé na juventude e no futuro”.<sup>32</sup>

Coubertin tinha acabado de proferir talvez a reflexão mais sintomática que pode transmitir essa capacidade de tentar transformar o mundo através de uma estratégia de “soft power” em que o desporto é um dos seus instrumentos. E prosseguiu:

“Pedir aos povos que se amem uns aos outros é uma ingenuidade. Pedir-lhes para que se respeitem não é uma utopia; mas, para que se respeitem é necessário que, primeiro, se conheçam”.<sup>33</sup>

Depois, em princípios de 1936, Coubertin escreveu no número especial da “La Revue Sportive Illustrée” a páginas 38:

“Na declaração, que, recentemente, fez ao regressar da Alemanha a fim de tranquilizar as preocupações, nem todas espontâneas ou sinceras, o Conde de Baillet-

<sup>29</sup> Coubertin, Pierre (1972). Ideário Olímpico – Discursos. Madrid: Instituto Nacional de Education Fisica, p. 213.

<sup>30</sup> Coubertin, Pierre (1972). Ideário Olímpico – Discursos. Madrid: Instituto Nacional de Education Fisica, p.215.

<sup>31</sup> Coubertin, Pierre (1972). Ideário Olímpico – Discursos. Madrid: Instituto Nacional de Education Fisica, p. 216.

<sup>32</sup> Coubertin, Pierre (1972). Ideário Olímpico – Discursos. Madrid: Instituto Nacional de Education Fisica, p.218.

<sup>33</sup> Coubertin, Pierre (1972). Ideário Olímpico – Discursos. Madrid: Instituto Nacional de Education Fisica, p.218.

Latour, resumiu tanto com força quanto lógica em termos excelentes todas as questões que se possam pensar e dizer acerca da campanha anti-olímpica nascida do outro lado do oceano e artificialmente difundida em mais de um país da Europa.”<sup>34</sup>

E continuava:

“Hoje, a política penetra em todos os problemas. Como é que podemos pretender que o desporto, o muscularismo, mesmo o Olimpismo lhe escapem? Mas os danos que ela pode causar não são aparentes. Na realidade, existem quase sempre numa instituição duas evoluções: a da face e a da alma. A primeira pretende casar-se com os contornos da moda e modifica-se segundo os caprichos desta. A segunda mantém-se constante e os princípios subjacentes à instituição que evoluem lentamente e de forma saudável, de acordo com as leis humanas. O Olimpismo pertence a esta segunda categoria.”<sup>35</sup>

Depois, no final dos Jogos, Coubertin escreveu que eles tinham sido:

“Uma recordação de Beleza, (...) Berlim consagrou, para sempre, através de iniciativas ousadas, o êxito completo que foi o Percurso Sagrado da Tocha Olímpica. (...)”.<sup>36</sup>

De facto Berlim, como até os detractores tiveram oportunidade de referir teve cenas inolvidáveis que ficaram para a história no filme de Leni Riefenstahl “Olímpia”. Entre outros, o percurso da Tocha Olímpica de Atenas a Berlim que, pela primeira vez, foi realizado. No “Eco de Paris”, um jornal cuja linha editorial não manifestava qualquer simpatia pelo regime Nazista, Jean Routhier teve de admitir que:

“Os jogos de Hitler haviam sido um sucesso sem precedentes, pelo que foram capazes de angariar admiração universal dos estrangeiros que regressavam aos seus países com a boa notícia de uma quinzena inesquecível.”<sup>37</sup>

Mas as coisas iam mais longe na medida em que Jean Routhier chegava ao ponto de afirmar no “Eco de Paris” que o Léon Blum o Primeiro-ministro era incapaz de fazer pela juventude aquilo que Hitler estava a fazer na Alemanha e Mussolini em Itália.

Mas aquilo que os detractores de Coubertin mais o criticam é o seu elogio a Hitler quando disse que dos JO que tinham terminado ficara:

“...uma recordação de Coragem na medida em que foi necessário fazer face a dificuldades às quais o Führer opôs as palavras de ordem ‘Wir wollen bauen’ (queremos construir) aos ataques desleais e traiçoeiros daqueles que aqui e lá tentaram destruir a construção que se erguia ... Uma recordação de esperança, finalmente, porque, sob a égide da bandeira dos simbólicos cinco anéis, forjaram musculados acordos mais fortes do que a própria morte ...”.<sup>38</sup>

Não vemos que estes discursos com “referência de circunstância” possam ser considerados como apologistas do Nazismo. Para Coubertin, a Alemanha e o seu “Führer” eram instrumentos do

<sup>34</sup> Coubertin, Pierre (1986). Textes Choisis – Tome II, Zurich: Weidmann. Organização Muller Norbert, p.440.

<sup>35</sup> Coubertin, Pierre (1986). Textes Choisis – Tome II, Zurich: Weidmann. Organização Muller Norbert, p.440-441.

<sup>36</sup> Coubertin, Pierre (1986). Textes Choisis – Tome II, Zurich: Weidmann. Organização Muller Norbert, p. 305.

<sup>37</sup> Murray, W.J. (1992). France Coubertin and the Nazi Olympics: The Response. International Journal of Olympic Studies. Volume I, p. 51.

<sup>38</sup> Coubertin, Pierre (1986). Textes Choisis – Tome II, Zurich: Weidmann. Organização Muller Norbert, p. 305.

Olimpismo enquanto promotores dos JO. Coubertin tinha consciência de que “a política penetrava nos problemas” pelo que a política do COI tinha de se manter acima da própria política dos partidos e dos países.

## FORA DE CONTROLO

A partir dos anos trinta do século XX o desporto, devido aos espectadores de massa que começaram a surgir por toda a Europa transformou-se num sector social em que as regiões e os países passaram a combater entre si pela conquista de supremacia política ou económica, muitas vezes à custa da violência dos argumentos. Em conformidade, as mais diversas ideologias, da esquerda à direita e a generalidade dos regimes políticos e os seus apaniguados, embora nunca o admitissem, sempre que lhes conveio, utilizaram o desporto como uma arma política.

Claro que o COI também foi envolvido. Este tipo de discurso, em muitas circunstâncias, conduziu injustamente o desporto em geral e o Olimpismo em particular, para situações que nada tinham a ver com o seu ideário. Por exemplo, o belga, Presidente do COI, Baillet-Lattour, numa carta datada de 10 de Julho de 1937 dirigida ao representante em Portugal do COI o Conde de Penha Garcia, escrevia acerca de Sir Walford Selby o embaixador do Reino Unido em Portugal:

“Meu querido Amigo:

Escrevo-te para te dizer que sentimos a tua falta em Varsóvia, (...)

Mas tenho uma outra razão para me pôr em contacto consigo. Não é de todo do domínio Olímpico, mas entendo dever tomar esta atitude em razão do profundo afecto que tenho pelo vosso país e a grande admiração que tenho pelo Sr. Salazar. Acabei de saber que Selby foi nomeado Embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, ora eu sei que ele é um homem extremamente perigoso.

Sob ares muito amáveis, ele é um verdadeiro bolchevique. Ele sempre favoreceu os vermelhos; eu tenho boas razões para o saber. Devemos desconfiar dele como da peste.”<sup>39</sup>

Tratava-se da propaganda Alemã e Italiana que através dos mais diversos canais procuravam fazer crer aos portugueses seus velhos aliados, como relatou o “The Telegraph”, que a Inglaterra “era um poder senil dificilmente confiável como aliado”.<sup>40</sup>

Baillet-Lattour prestou-se a este serviço que, muito certamente havia de lamentar. De facto, Coubertin, porque faleceu a 2 de Setembro de 1937, não teve ocasião de assistir ao desencadear da guerra, contudo, Baillet-Lattour pagou bem caro a loucura de Adolfo Hitler quando faleceu por colapso cardíaco em 1942 ao ser informado que o seu próprio filho tinha sido morto na frente de combate.

Baillet-Lattour após a sua trágica morte foi substituído interinamente pelo sueco Sigfrid Edström (1870-1964) que, depois, assumiu a presidência efectiva do COI a partir de 1946. Entretanto, os Jogos da XIV Olimpíada realizados em Londres (1948), para além dos problemas económicos e logísticos e da Alemanha e o Japão não terem sido convidados, aconteceram sem problemas de maior. As verdadeiras complicações decorrentes da guerra haviam de chegar na Olimpíada de Helsínquia em consequência da organização dos Jogos naquela cidade em 1952.

<sup>39</sup> Documento na posse da Sr.ª Prof.ª Benedicta Maria Duque Vieira, autora do livro “O Conde de Penha Garcia e a sua Vida Pública” (1972) e fiel depositária de parte do espólio do Conde de Penha Garcia. Este documento inédito foi cedida cópia ao estudante de mestrado Tiago Miguel Ribeiro no âmbito do seu trabalho de avaliação da disciplina de “Olimpismo e Jogos Olímpicos” do Mestrado de Gestão das Organizações Desportivas da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. À Sr.ª Prof.ª Benedicta Vieira os nossos mais sentidos agradecimentos.

<sup>40</sup> In: “The Telegraph”, 13 de Junho de 1939.

<http://www.telegraph.co.uk/news/newstoppers/britainatwar/5506550/Anti-British-propaganda-in-Portugal-June-13-1939.html>

## O MUNDO DO PÓS-GUERRA (1939-1945)

As condições sociais, económicas e políticas, tinham-se alterado radicalmente já que o Mundo estava dividido em três grandes blocos: Os Estados Unidos da América (EUA) e a aliança dos países Ocidentais; A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com os seus satélites; A República Popular da China (RPC) já que Mao Zedong (1893-1976) surgira como o grande vencedor da guerra civil.

Em 1949, o COI recebeu do Comité Olímpico Chinês (COC) a informação de que a sua direcção se tinha mudado para Taipé em Taiwan onde, como se sabe, sob a liderança do general Chiang Kai-shek, se organizou a República da China (RC) – China Nacionalista, debaixo da protecção dos EUA. Para Avery Brundage,<sup>41</sup> ao tempo Vice-presidente do COI, a mudança não levantou quaisquer problemas no COI, pelo que a ocorrência foi registada nos escritórios da organização em Lausanne, como: “Um acto rotineiro ao qual não foi atribuído nenhum significado político”<sup>42</sup>

A este respeito Xu Guoqi<sup>43</sup> afirma que o facto de Taiwan ter continuado no seio da “Família Olímpica” tem sobretudo a ver com a conjuntura da “guerra-fria”. Claro que nada da referida carta foi normal pelo que a afirmação de Brundage só pode ser entendida em defesa dos interesses dos EUA no Extremo Oriente.

Entretanto, em 1951, um ano antes dos Jogos da XV Olimpíada, Helsínquia (1952), fundou-se na RPC a Federação Atlética Amadora de Toda a China (FAATC) que se considerava a si própria como a legítima representante do MO em toda a China.<sup>44</sup> Em consequência, o COI recebeu uma carta de Pequim onde se dizia que o comité nacional tinha sido formado, pelo que desejava ser reconhecido pelo COI a fim da China poder participar nos Jogos Olímpicos a realizar na Finlândia (1952).

Em consequência, durante o decorrer dos trabalhos da 47ª Sessão do COI realizada em Oslo em 12 e 13 Fevereiro de 1952, o então Presidente do COI o sueco Sigfrid Edström teve uma reunião com o representante da FAATC em que o dirigente chinês o informou que a sua Federação representava o MO para toda a China pelo que desejava ser reconhecida pelo COI a fim de participar nos Jogos de Helsínquia (1952).

A Comissão Executiva do COI decidiu ouvir cada um dos representantes das “duas Chinas”. O representante de Taiwan, Sun-hoh Gun, argumentou que 19 dos 25 membros do COI viviam em Taiwan o que legitimava a continuidade do próprio Comité Olímpico Nacional Chinês na RC (Taiwan). Pelo seu lado, o representante da RPC Cheng Chi-pai, declarando-se representante legal do Prof. Shou Yi Tung membro chinês do COI, contra-argumentou que falava em nome de 400 milhões de chineses, pelo que pediu que o seu CON fosse o único reconhecido pelo COI. Edström acabou por concluir que, das duas uma: “Ou nenhum dos CONs podia participar nos JO de Helsínquia”; “Ou os dois CONs podiam participar nos JO de Helsínquia”.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> Brundage, Avery (1973). Memórias. Madrid: Instituto Nacional de Educación Física, p.260.

<sup>42</sup> Brundage, Avery (1973). Memórias. Madrid: Instituto Nacional de Educación Física, p.260.

<sup>43</sup> Guoqi, Xu (2008). Olympic Dreams – China and Sports - 1895-2008. USA: Harvard University Press.

<sup>44</sup> Lennartz, Karl (1995). The Edström Presidency (1942-1952). In: The International Olympic Committee One Hundred Years – The Idea – The Presidents – The Achievements. Lausanne: International Olympic Committee, Vol. II.

<sup>45</sup> In: Review Olympic, n. 66-67, Juin 1973, p.172.

Entretanto, a situação complicou-se de tal maneira que Edström numa de “hard power” recusou-se a continuar as conversações com o membro chinês do COI o Prof. Shou Yi Tung.<sup>46</sup> Ao fazê-lo, deu origem a uma das maiores crises do Olimpismo moderno na medida em que o próprio Zhou Enlai (1898-1976), Primeiro-ministro chinês, estava interessado na conclusão do processo de forma satisfatória para a RPC.

Por pressão da URSS que tinha aderido ao COI em 1950 a RPC acabou por participar nos Jogos da XV Olimpíada. Os interesses da URSS pouco ou nada tinham a ver com a promoção do Olimpismo mas, tão só, com a propaganda do regime soviético e a pretensa superioridade do sistema comunista. Em consequência a delegação do regime nacionalista (Taiwan) acabou por se retirar dos JO. Segundo Xu Guoqi<sup>47</sup>, a URSS ao forçar a entrada da RPC conseguiu antecipar o problema das “duas Chinas”, obrigando o COI a tratar de um assunto para o qual não estava minimamente preparado e colocou o MO a fazer parte do jogo da guerra-fria. Na 53ª Sessão do COI, realizada em Sófia em 1957, Shou Yi Tung acabou por resignar de membro do COI e a RPC a 25 de Agosto de 1958 informou o COI que abandonava a organização<sup>48</sup>. Em conformidade desencadeou-se uma das maiores crises do MO que levaria mais de vinte anos a ser resolvida.<sup>49</sup>

## **APOLITISMO DESPORTIVO**

Foi a crise da “duas Chinas” que tendo começado com Edström prosseguiu com Brundage que lhe sucedeu, por eleição na 47ª Sessão do COI realizada em Helsínquia, em Julho de 1952.

Os dois lados da questão, quer dizer, o COI e a RPC adoraram cada um pelo seu lado uma estratégia de “hard power” que, no meio das maiores contradições, num mundo em que os blocos ideológicos se digladiavam, impediu a solução do problema. Na realidade, o COI, durante a segunda metade do século XX, adoptou um comportamento que invariavelmente se situou entre a “metáfora da avestruz” que faz por ignorar os problemas e um determinado oportunismo que procurou em função das convicções ideológicas dos seus membros ou até tão só dos seus interesses tirar partido das situações. E estas duas perspectivas, sob a desculpa da defesa do famigerado “apolitismo desportivo”, impediram o COI de possuir uma agenda política própria, pelo que acabou, de uma maneira geral, por andar a reboque de agendas políticas alheias e, muitas vezes até, das próprias agendas pessoais de dirigentes desportivos e políticos.

E para fundamentar a sua ideia de “apolitismo desportivo” Brundage acabou por cunhar uma expressão que ficou para a história do MO. Dizia ele:

“Se aceitamos que num mundo imperfeito como o nosso, se deixe de praticar desporto, cada vez que as leis humanas são violadas, nunca haverá competições internacionais.”<sup>50</sup>

E contra a realidade da história, Brundage aproveitou sempre os seus discursos para fazer passar a ideia de que o MO estava para além da política. Por exemplo, a acta da reunião da Comissão Executiva do COI realizada em Abril de 1954 relata as palavras de Brundage ao fazer o balanço acerca da situação do MO:

---

<sup>46</sup> Segundo Lennartz (1973:75) cf.: Liberg, W. (1989). The IOC Sessions 1894-1955. Unpublished manuscript, IOC Archives, p. 289.

<sup>47</sup> Guoqi, Xu (2008). Olympic Dreams – China and Sports - 1895-2008. USA: Harvard University Press.

<sup>48</sup> In: Olympic Review n. 64, November 1958, p.43.

<sup>49</sup> Sobre o caso das “duas Chinas” ver: Pires, Gustavo (2009). O Olimpismo Hoje - De uma Diplomacia do Silêncio para uma Diplomacia Silenciosa: O Caso das Duas Chinas. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Universidade do Porto / Faculdade de Desporto. (9) 2, suplemento 1, Novembro.

<sup>50</sup> Brundage, Avery (1973). Memórias. Madrid: Instituto Nacional de Educación Física, p.260.

“O Presidente fez a história do Movimento Olímpico durante os últimos 60 anos e reafirmou que os Comitês Olímpicos Nacionais, as Federações Internacionais e o Comité Internacional Olímpico formam uma única família pelo que todos os membros se devem ajudar uns aos outros. Nós temos numerosos problemas comuns.”<sup>51</sup>

Brundage construiu um mundo virtual no qual no MO não existia profissionalismo; não existia comercialismo; e não existia política. Era um mundo asséptico que não tinha nada a ver com a realidade da política real.

### **Ping-pong e “Soft Power”**

Toda a estratégia da candidatura e organização dos Jogos da XXIX Olimpíada, assentou na necessidade política de afirmação da RPC no mundo, processo iniciado ainda ao tempo de Mao Zedong (1893-1976) com a “diplomacia do ping-pong”, desencadeada em 1972, que abriu as relações entre os EUA e a RPC, abertura esta que proporcionou a entrada da RPC na Organização das Nações Unidas (ONU). Esta entrada, sempre foi vista pelas autoridades chinesas como uma questão que devia andar a par com o seu regresso ao COI.

A mudança de um paradigma de “hard power” para um outro de “soft power” só foi possível após a morte, em 1976, de Zhou Enlai e de Mao Zegong. Para o novo Primeiro-ministro Deng Xiaoping (1904-1997) a ideologia não tinha o significado do passado afirmando mesmo que não lhe interessava se o gato era branco ou preto desde que caçasse ratos. Então, sob a presidência de Michael Killanin (1914-1999), a 25 de Outubro de 1979, numa reunião da Comissão Executiva do COI realizada em Nagóia no Japão, deu-se por terminado um processo de mais de vinte anos sustentado numa política de “hard power” desencadeada a partir de 1952 por Brungage. Em consequência, a partir de então o CON da RPC ficou reconhecido no COI como Comité Olímpico Chinês (COC), enquanto o Comité Olímpico de Taiwan passou a ser designado por Comité Olímpico Chinês de Taipé. Quer dizer, foi encontrada no domínio do “soft power” uma solução que há muito podia ter sido encontrada uma vez que está a proporcionar que as duas Chinas resolvam os próprios problemas de uma forma positiva.

### **Ser rico é glorioso**

Ser rico é glorioso. Muito embora, segundo Evelyn Iritani do Los Angeles Times<sup>52</sup>, não se possa garantir que a frase proferida em 1979 é mesmo de Deng Xiaoping, contudo, o que é facto é que são milhares as referências que a ligam ao líder chinês. Mas se a frase não foi proferida por Deng podia, certamente, ter sido dita por Juan Antonio Samaranch (1920-2010) quando em 1980 assumiu a presidência do COI. De facto, Samaranch abriu as contas bancárias do COI aos patrocínios das grandes corporações mundiais e, em 20 anos transformou uma organização praticamente falida num empório à escala global. Caía, deste modo o anti-comercialismo, quer dizer o primeiro tabu de Brundage que, usualmente, nos seus discursos de circunstância, manifestava um profundo desprezo pelas questões económicas e financeiras do COI. Em consequência de todo o dinheiro que passou a entrar nos cofres do COI, não foi necessário esperar muito para que a questão do profissionalismo, que ocupou praticamente toda a reunião de 1894 aquando da fundação do COI, deixasse de levantar qualquer problema no âmbito do MO. Em 1992, Samaranch ao abrir as portas

<sup>51</sup> Reunião da Comissão Executiva do CIO com os senhores delegados dos Comitês Olímpicos Nacionais. Atenas (Hotel da Grã-Bretanha), 10 e 11 de Maio de 1954. Fonte: Centro de Estudos Olímpicos / Museu do Desporto/ Comité Olímpico Internacional.

<sup>52</sup> Iritani, Evelyn (2004). Great Idea But Don't Quote Him - Deng Xiaoping's Famous One-liner Started China on the Way to Capitalism. The Only Problem is There's no Proof he Actually Said It. Los Angeles: “Los Angeles Times”. Sep 9.

do templo olímpico aos atletas profissionais encarregou-se de destruir o segundo tabu de Brundage. A partir daí só faltava acabar com o terceiro tabu, o do “apolitismo desportivo”. Quanto a este último tabu foi necessário esperar por 2008, pelos JO de Pequim e por Jacques Rogge, para que a questão começasse a passar para os anais do MO.

### **O Fim do Apolitismo Desportivo**

Em 7 de Agosto de 2007, precisamente um ano antes da cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, Jacques Rogge (n.1942) publicou um artigo de opinião no “Herald Tribune” aonde afirmava:

“O Movimento Olímpico não existe no vácuo. O desporto faz parte da sociedade.” E continuou: “É natural que organizações como as dos direitos humanos e outras coloquem as suas causas sob a luz que os Jogos Olímpicos estão a projectar na China a fim de chamarem a atenção para as causas que advogam. Contudo, os Jogos só podem ser um catalisador de mudança e não uma panaceia.”

Nunca um líder do COI tinha ousado ir tão longe. Mas, mesmo assim, em 23 de Setembro de 2008 na véspera da cerimónia do acender da Tocha Olímpica em Olímpia, Rogge prosseguiu na sua estratégia de confrontação com o passado e disse no discurso alusivo:

“Os Jogos Olímpicos são uma força para o bem. Eles são um catalisador para a mudança e não uma panaceia para todos os males. As ONGs e os activistas dos Direitos Humanos querem influenciar os Jogos e pedem ao COI que actue a seu lado. O COI respeita as ONGs e os grupos activistas e as suas causas e dialoga frequentemente com eles – mas nós não somos nem uma organização política nem uma organização activista. Como referi a semana passada, os acontecimentos no Tibete são um assunto de grande preocupação para o COI. O COI já expressou a esperança de que o conflito seja resolvido pacificamente, tão breve quanto possível. A violência sejam quais forem as razões é contrária aos valores e ao espírito Olímpico. O COI continuará a respeitar a causa dos Direitos Humanos. O COI trabalhará determinadamente com a China para o bem dos atletas e o sucesso dos Jogos Olímpicos.”<sup>53</sup>

E perante o quadro de enormes pressões que o COI estava sujeito, no início da XXIX Olimpíada, Rogge foi obrigado a vir a público manifestar a posição da organização. Então, em 10 de Abril de 2008, numa conferência de imprensa realizada em Pequim, Rogge não se coibiu de recordar às autoridades chinesas os compromissos assumidos em matéria de direitos humanos aquando da escolha da cidade de Pequim para sediar os Jogos da XXIX Olimpíada. E disse:

“Pedimos claramente à China que respeite esse compromisso moral”.

As declarações de Rogge suscitaram uma rápida reacção de Jiang Yu, a porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC, que pediu aos responsáveis do COI para não introduzirem política nos Jogos:

“Acredito que os membros do COI apoiam os JO e a intenção dos princípios Olímpicos de não discutir factores políticos irrelevantes.” “Espero que os membros do COI continuem a respeitar os estatutos Olímpicos.”

---

<sup>53</sup> International Olympic Committee Press Release, (consultado em: 23/3/2008).

Claro que quando Jiang Yu, em nome do governo da RPC, afrontou daquela maneira Rogge e o COI, estava a esquecer-se que os dirigentes da RPC, desde a sua fundação em 1949, sempre se utilizaram do desporto e do Olimpismo como instrumentos da sua estratégia política ao serviço da ideologia que professavam.

O momento protagonizado por Rogge significou o arranque de uma nova atitude e posicionamento político relativamente à questão política demonstrando que o COI está a evoluir de uma “política de silêncio” que caracterizou a sua acção no passado, para uma “política silenciosa”. Quer dizer, para uma política que, sem alaridos e sem a pretensão de poder resolver todos os problemas, passou a considerar o desporto como um catalisador de mudança e progresso.

Portanto Jacques Rogge acabou com a estratégia do “apolitismo desportivo” dos seus antecessores, voltou aos valores iniciais de Coubertin e inaugurou uma nova era para o MO.

## **OLIMPISMO E SOFT POWER**

Esta nova perspectiva política desencadeada por Jacques Rogge passa a avocar uma função catalítica de mudança no domínio do designado “soft power”<sup>54</sup>, que defende os valores do Olimpismo. Porque, como defende Rogge, muito embora não seja função do COI e do Olimpismo resolverem os problemas do mundo, todavia, também não os podem ignorar.

Na realidade, o desporto tem muito a ver com a política e as autoridades chinesas até têm uma longa experiência tanto negativa como positiva acerca do assunto. Na realidade, toda a estratégia da candidatura e organização dos Jogos da XXIX Olimpíada assentou na necessidade política de afirmação da RPC no mundo, processo iniciado ainda ao tempo de Mao Zedong com a estratégia de “soft power” consubstanciada na “diplomacia do ping-pong” que conduziu a RPC à ONU e à organização dos JO.

### **A Trégua Olímpica**

É nesta perspectiva que vemos a posição do Secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, quando nas vésperas dos JO de Pequim solicitou aos mais diversos países do Mundo que cessassem todos os conflitos e estabeleçam uma Trégua Olímpica de acordo com uma tradição da Grécia Antiga. Tal trégua segundo Ban Ki-Moon: “permitiria uma pausa para reflectir sobre os elevados custos da guerra, uma abertura ao diálogo e um intervalo capaz de abrir caminho a cuidados de auxílio às populações afectadas.”<sup>55</sup> Mal sabia Ban Ki-Moon que não passariam dez dias sem que a guerra eclodisse entre a Rússia e a Geórgia precisamente na abertura dos JO de Pequim.

Mas o MO pode ser mais do que um catalisador de mudança, ele pode ser também um promotor de esperança e de fé no futuro. E a este respeito Ban Ki-Moon confirmou-o na sua alocução ao XIII Congresso Olímpico realizado de 3 a 5 de Outubro de 2009 em Copenhaga quando contou a seguinte história:

“O desporto pode ser visto em qualquer parte do mundo. Viajei por países repletos de pobreza. Por comunidades em luta pela sobrevivência. Por lugares devastados pela guerra, onde toda a esperança parecia perdida. De repente, aparecia uma bola feita de

---

<sup>54</sup> Pires, Gustavo (2010). Olimpismo e “Soft Power”: Desporto é Política. In: “Desporto e Educação Física em Português”. Porto: Universidade do Porto / Faculdade do Porto / Centro de Investigação Formação Inovação e Intervenção em Desporto, p. 497-524. Organizadores: Jorge Olímpio Bento; Go Tani; António Prista.

<sup>55</sup> In: Record, 30/7/2008.



sacos plásticos ou de jornais atados com um cordel. E víamos o desporto dar vida aos sonhos e às esperanças.”<sup>56</sup>

E os 1.200 delegados presentes tiveram a oportunidade de perceber a força que o desporto pode ter quando Ban Ki-Moon lhes mostrou a referida bola artesanal feita de sacos velhos de plástico atados com um cordel. Os donos da bola eram crianças pobres dos bairros de Nairobi. E aquela bola artesanal foi substituída por bolas e equipamentos desportivos de qualidade, oferecidos pela ONU.

## **DESENVOLVIMENTO HUMANO E “SOFT POWER”**

Em 2009, a ONU reconheceu que o COI devido ao trabalho desenvolvido, sobretudo através do seu programa de Solidariedade Olímpica foi um parceiro importantíssimo para a prossecução dos objectivos determinados na “Agenda 21”<sup>57</sup> e na “Declaração do Milénio”.<sup>58</sup>

Na realidade, a Carta Olímpica atribui ao COI o grande objectivo de:

“...colocar o desporto ao serviço de um desenvolvimento harmonioso do homem, com a perspectiva de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana”.

Em consequência, em 19 de Outubro de 2009, durante Assembleia Geral da ONU realizada em Nova York, o COI obteve o “Estatuto de Observador”. A decisão da Assembleia Geral pretendeu homenagear a contribuição do COI no domínio da assistência humanitária, da consolidação da paz, da educação, da igualdade dos géneros, do ambiente e da luta contra a SIDA que, no fundo, é a vitória de um combate conduzido pela boa Éris contra os malefícios do mundo que muitas vezes acontecem para além da vontade dos homens.

## **CONCLUSÕES**

Não se pode ter a ilusão de que o desporto vai acabar com todos os problemas políticos e todos os males do mundo. Sabemos que não vai, por isso, estamos totalmente de acordo com o Rogge quando disse ao XIII Congresso Olímpico:

“enquanto organização baseada em valores desportivos, não podemos mudar o mundo sozinhos. Mas podemos – e agimos nesse sentido – ajudar a torná-lo num lugar melhor”.<sup>59</sup>

De facto, o Olimpismo pode ser entendido como um instrumento de poder que no domínio do “soft power” pode, enquanto catalisador, ajudar a resolver muitos dos problemas que afligem a humanidade. Porque, como refere a própria Carta Olímpica, o Olimpismo ao integrar o desporto

---

<sup>56</sup> Alocução de Ban Ki-moon, Secretário-geral da ONU, na abertura do XIII Congresso Olímpico que se realizou de 3 a 5 de Outubro de 2009 em Copenhaga na Dinamarca. <http://www.olympic.org/content/the-ioc/congress/xiii-olympic-congress/>.

<sup>57</sup> A “Agenda 21” é um documento que resultou da conferência Eco-92 ou Rio-92, que aconteceu no Rio de Janeiro. O documento estabelece a importância da cooperação inter-países, através dos respectivos governos, empresas, organizações não-governamentais, na resolução dos problemas sócio-ambientais tais como a doença, a pobreza, a degradação do ambiente e outros flagelos que massacram as populações do Planeta, sobretudo aquelas que vivem nas regiões mais desfavorecidas.

<sup>58</sup> Os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio decorrem da Declaração do Milénio da ONU, assumida pelos 191 estados membros no dia 8 de Setembro de 2000. Os objectivos são os seguintes: Erradicar a pobreza extrema e a fome; Atingir o ensino básico universal; Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; Reduzir a mortalidade infantil; Melhorar a saúde materna; Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; Garantir a sustentabilidade ambiental; Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

<sup>59</sup> Alocução de Jacques Rogge Presidente do COI, no XIII Congresso Olímpico que se realizou de 3 a 5 de Outubro de 2009 em Copenhaga na Dinamarca. <http://www.olympic.org/content/the-ioc/congress/xiii-olympic-congress/>.

com a cultura, a educação e o ambiente procura criar um modo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo e no respeito universal pelos princípios éticos.

Jacques Rogge tem revelado ser um presidente portador de futuro. Ele recuperou o discurso político de Coubertin, um discurso com uma estratégia subjacente de “soft power” e lançou novamente o MO no centro das questões do desenvolvimento à escala do Planeta. Hoje, o COI, enquanto agente promotor da paz e da concórdia através da competição organizada, está verdadeiramente a cumprir o sonho de Coubertin quando dizia:

“O desporto não é senão um adjuvante indirecto da moral. Para que ele se torne um adjuvante directo, é necessário que se lhe atribua um objectivo reflectido de solidariedade que o eleve acima dele mesmo.”<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Coubertin, Pierre de (1913). *Essais de Psychologie Sportive*, Lausanne et Paris, Librairie Payot & C, p.137.